

UMA SOCIEDADE “SEM REI NEM ROQUE”

A expressão “ Sem rei nem roque” não é minha, mas sim do jogo de xadrez e resolvi apropriar-me dela para ilustrar determinadas situações que acontecem, no meu país, em S. Tomé e Príncipe.

O que me levou a fazer este pequeno escrito foi uma conversa telefónica que tive com um familiar, que me disse que tinha a neta engessada na zona das costelas, porque um motoqueiro atropelou-a à porta de casa e fugiu. Ninguém sabe com que mazelas esta criança vai ficar. E o pior de tudo, é que o assunto morreu aí.

O aparecimento dos motoqueiros em S.Tomé e Príncipe veio para o bem e para o mal. Se por um lado, como muitos dizem, veio facilitar a vida a muita gente, como um meio de transporte que as pessoas pagam menos para se deslocarem e levam-lhes até a porta da casa, por outro lado veio trazer muita desgraça para muitas famílias por via dos acidentes causados por eles. Desses acidentes, contam-se como vitimas mortais ou com sequelas graves, os proprios motoqueiros, as pessoas que eles transportam ou terceiras pessoas. Todos ficam com as suas vidas despedaçadas.

Todos nós sabemos que isto já é costume acontecer no nosso país. Cada um de nós já teve um familiar ou conhece alguém que já teve um seu familiar envolvido nesse rol de tragédias.

No nosso país parece que as pessoas estão entregues a sua sorte.

Mesmo todos sabendo que muitos desses motoqueiros nem possuem carta de condução, nada lhe acontece porque muitos deles apenas são empregados de figuras gradadas da sociedade. Outros, receberam as suas motos em troca de favores dispare.

Tive até conhecimento que já houve motoqueiro sem carta de condução mas que prestava serviço para o dono da moto que era um policia.

Para além disso, motorizadas apreendidas e a guarda da policia, algumas eram postas a circular com motoqueiros.

O meu objectivo é apenas mais um alerta as autoridades governamentais para que se debrucem sobre o fenomeno dos motoqueiros em todas as suas vertentes , disciplinando a classe, impondo regras para protegê-los, as pessoas que eles transportam e terceiras pessoas.

Por exemplo,

- a questão do seguro obrigatório;
- a questão do uso obrigatório do capacete para o condutor e para quem está a ser transportado;
- Quantas pessoas pode transportar; □ O que não pode transportar ; □

Mas também relativamente ao seguro obrigatório, que não seja apenas fonte estorsão de dinheiro dos condutores. É preciso que seja um seguro que funcione e que a seguradora em caso de sinistro, não se furte a pagar as compensações devidas.

Como é possível o país não dispor de uma rede de transportes com autocarros?

A existência da mesma facilitaria a vida de muita gente e ganharíamos todos. Haveria a geração de empregos directos e indirectos, meios de transportes mais seguros e mais baratos para as pessoas e bens.

Consequentemente as pessoas deixariam de ser forçadas, penosamente a recorrer aos serviços dos motoqueiros nas suas deslocações, advindo daí os ganhos de menos acidentes, menos vidas ceifadas, menos internamentos hospitalares motivados por esses acidentes.

É preciso que as autoridades governamentais passem de facto a olhar para o cidadão, porque governar pressupõe-se, é estar a governar pessoas e debruçar-se sobre os seus problemas.

As pessoas não podem continuar a estar abandonadas e deixadas a sua sorte.

E´este o clamor que esperamos que faça eco nas cabeças de quem detem os destinos das pessoas nas suas mãos.

Lisboa, 23/08/2025

Leonel Afonso Batista de Sousa